

Sarney começa diálogo

nal

Jornal de Brasília

com as esquerdas

Dário Macedo

— Pedi para você vir aqui, porque preciso aconselhar-me.

Foi com estas palavras que o presidente José Sarney iniciou, ontem, uma conversa que teve a duração de duas horas durante almoço no Palácio da Alvorada, com o deputado Alencar Furtado, do PMDB do Paraná.

Alencar, que se encontrava no interior daquele Estado, em campanha para o Senado, recebeu, na última quarta-feira, um telefonema da secretária particular de Sarney, Vera Sabará convidando-o a vir a Brasília já no dia seguinte, quinta-feira, para um almoço com Sarney. Alencar ponderou que seria impossível deslocar-se de onde se encontrava e chegar a tempo em Brasília, mas, imediatamente, Vera o informou que não tinha problema: o almoço ficaria para a sexta-feira.

Ontem, o deputado Alencar Furtado contou, com detalhes o seu encontro com Sarney:

— O Presidente é um homem muito amável. A nossa conversa foi franca, direta, objetiva. Com humildade, disse-me que queria aconselhar-se. Retruquei, afirmando que não tinha condições de ser seu conselheiro, mas que estava à sua disposição para proceder a qualquer tipo de análises e debater sobre qualquer tema que ele colocasse à mesa. Entre nós travou-se, então, mais ou menos, o seguinte diálogo. Procurarei ser o mais fiel possível:

— "Alencar, como está a minha situação no Congresso Nacional?"

— Presidente, vai insegura, não está harmônica. Reina, por exemplo, em nosso meio (a esquerda independente) muita insatisfação, porque, presidente, somos co-participes, mas não integramos o Governo. E não nos interessa participar do governo se não houver um grande compromisso nacional. Queremos que o governo se encontre com os problemas. Nós vivemos, o nosso grupo, praticamente marginalizados da vida partidária.

— "E o que é o grande compromisso nacional, no seu entender?"

— O grande compromisso nacional, que eu chamaria de grande acordo nacional, é fazer, Presidente, aquilo que sugerimos ao senhor no ano passado. A nível nacional, o custo de vida é garroteador, ao lado da inflação.

Volto a propor, presidente, que seja feito um grande sacrifício, com a participação de todos, inclusive das multinacionais quanto ao pagamento da dívida brasileira. Este acordo, Presidente, com prazo fixado pelas partes e com a finalidade de congelar preços de produtos alimentícios, vestuário, medicamentos, aluguéis, prestação da casa própria, taxas e tarifas, com o compromisso de uma reposição gradual dos salários dos trabalhadores, cujo percentual e ajuste serão definidos pelas partes interessadas, incumbindo-se o Estado e os respectivos sindicatos de fiscalizar o seu cumprimento, sem prejuízo das denúncias populares. Deve, também ser sustada a vigência do acordo nacional sobre as remessas de lucros, de royalties e de juros para o exterior. Aliás, o ministro Funaro, em uma revista americana, praticamente considerou essas premissas como básicas para vencer a inflação.

Conta Alencar que após fazer este relato, o Presidente o fitou — e sem obviamente, dizer que aceitaria a proposta — disse com firmeza:

— "Se até março não houver uma queda na inflação terei, mesmo de forma sofrida, de adotar medidas duríssimas, medidas energéticas".

O deputado pelo Paraná contou, a seguir, que Sarney perguntou-lhe como tinha visto a indicação do ministro Marco Maciel para o Gabinete Civil da Presidência da República, respondendo-lhe que considerava muito boa a escolha porque "o Marco Maciel teve um desempenho competente no Ministério da Educação e que, quanto à parte política, agiu também com sabedoria e acho que o senhor tem que ter no seu Chefe do Gabinete Civil numa pessoa de sua confiança". Disse Alencar que o presidente fez um ar de surpresa, numa clara revelação de que não esperava ouvir elogios a Maciel que tinha sido tão duramente combatido por setores do PMDB, inclusive o seu presidente, deputado Ulysses Guimarães.

Revelou, ainda, o deputado Alencar Furtado que o presidente José Sarney pediu-lhe para procurá-lo sempre, telefonar quando desejasse (deu-lhe, inclusive, um número de um dos seus telefones pessoais) e que lhe fez perguntas sobre o Paraná e Brizola:

— "Ele demonstrou grande interesse pelo Brizola. Eu disse que acho o Brizola uma figura, com uma saga, uma figura quase lendária, que tem real alcance popular. Mas disse também ao presidente que precisa haver sensibilidade para dar combate ao Brizola. E a fórmula é simples: a oposição precisa ser acreditada e o governo tem que fazer.

Por fim, o deputado Alencar Furtado sintetizou toda a impressão que recolheu da conversa com Sarney:

— "A impressão que me deu é de um homem que quer acertar. Ele é hoje um homem sufocado e angustiado".

Furtado contra Ulysses

O presidente José Sarney fez mais uma jogada política, ontem, ao convocar o deputado Alencar Furtado para uma demorada conversa, a sós, num almoço no Palácio da Alvorada. Conhecendo as divergências que separam Alencar do deputado Ulysses Guimarães e sabendo-o líder da esquerda independente, um grupo que congrega de 80 a 90 deputados, o Presidente apenas dá continuidade à montagem de seu projeto político que visa, sem dúvida — como está provado no recrutamento de nomes para seu Ministério — neutralizar o poder que até bem pouco o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães exercia no Palácio do Planalto.

Alencar Furtado, 61 anos, um cearense da cidade de Araripe, é advogado e foi nessa condição que se estabeleceu no Paraná, elegendo-se, em 1967, deputado estadual. Foi quatro anos depois deputado federal, pelo MDB e, em 1977, quando exercia a liderança do Partido na Câmara teve seu mandato cassado pelo presidente Ernesto Geisel que, rendendo-se a pressões de militares, o puniu. O motivo para a cassação de Furtado foi ter dito, num programa de televisão (do qual participaram Ulysses Guimarães e Alceu Collares) a seguinte frase:

"Venho falar em nome dos órgãos do talvez, das viúvas do quem sabe".

Era uma referência às vítimas da repressão, que a exemplo de seu antigo colega na Câmara, o deputado Rubem Paiva, ninguém sabia onde se encontravam.

Cassado, montou um escritório de advocacia em Brasília, mas não abandonou o Paraná. Nas eleições de 1978, seu filho, Heitor, elegeu-se para a Câmara com a maior votação do Paraná. Em 1982, Alencar decidiu retornar ao Parlamento. Nesse ano viveu um drama pessoal. O filho Heitor, que concorria a um mandato de deputado estadual, foi estupidamente assassinado. Retornando à Câmara, Alencar tratou de reaproximar-se dos seus antigos companheiros do grupo autêntico do PMDB — do qual foi um dos fundadores — e no ano passado concorreu à presidência da Câmara sendo derrotado pelo deputado Ulysses Guimarães. E hoje o líder da chamada esquerda independente preside a Comissão Nacional Interpartidária da Constituinte que promove um diálogo com a sociedade brasileira para colher subsídios à Assembleia Nacional Constituinte.